

Alternância de códigos: uma estratégia de comunicação bilíngue

Eurico Patinho Matias *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0000-4562-2995>

Bonete Júlio João Chaha **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-1430-6743>

RESUMO

Este artigo insere-se na abordagem Linguística de alternância de códigos, visando compreender como e por que ocorre a alternância de códigos pelos falantes bilíngues no mundo, em particular na Cidade da Beira. Esta pesquisa caracteriza-se por ser de índole qualitativa, fazendo uso da consulta bibliográfica, da observação e do método indutivo. Os dados apresentados nela são transcrições de conversas captadas em diversos e diferentes momentos, lugares e contexto-situacionais, tais como: sala de aulas, encontro familiar, transação bancária e conversações espontâneas nas artérias da Cidade da Beira. A alternância de códigos é, de facto, um fenómeno linguístico que ocorre naturalmente nas interações sociais de indivíduos que tenham domínio, seja ele total ou parcial, de duas línguas, cujas razões são de ordem sociopolíticas, sociolinguísticas, económicas, culturais, estilo, emocional, disponibilidade de memória, solidariedade com o interlocutor, de mudança de tópico, de preferência pessoal, entre outros. Dessa forma, dois indivíduos podem, no ato da conversação, produzir enunciados de diferentes maneiras, isto é, alternadamente e, esta alternância ocorre num contexto em que os falantes orientam sua preferência por uma língua de cada vez e durante o qual é possível identificar a língua de base que vem sendo empregada na interação até o momento em que ocorre a alternância. Portanto, embora os falantes usem o fenómeno de alternância de código como recurso que lhes auxilia na comunicação por vários motivos, a alternância dá-se como uma estratégia comunicativa para melhor se adaptar às diferentes situações de comunicação, expressar sentimentos e emoções, ou para marcar diferenças sociais, tanto que quanto maior for o grau de bilinguismo, mais habilidades tem o bilíngue em alternar as línguas e, ao alternar códigos, o falante é capaz de determinar não apenas seu *status* no contexto social, mas também suas intenções comunicativas.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística; Bilinguismo; Alternância de Códigos; Inglês-Português; Echuabo-Português.

Code-switching: a bilingual communication strategy

ABSTRACT

This article falls within the Linguistic approach of code-switching, aiming to understand how and why code-switching occurs among bilingual speakers in the world, particularly in the city of Beira. This research is characterized by being qualitative in nature, using bibliographic research, observation, and inductive method. The data presented in it are transcriptions of conversations captured at various and different moments, places, and situational contexts, such as: classrooms, family gatherings, banking transactions, and spontaneous conversations on the streets of Beira. Code-switching is indeed a linguistic phenomenon that naturally occurs in social interactions of individuals who have mastery, whether total or partial, of two languages, whose reasons are sociopolitical, sociolinguistic, economic, cultural, stylistic, emotional, memory availability, solidarity with the interlocutor, topic change, personal preference, among others. Therefore, two individuals may, during a conversation, produce utterances in different ways, that is, alternately, and this

* Graduado em Ensino do Português com Habilitações em Ensino de Inglês pela Universidade Pedagógica | Docente na Escola Básica da Munhava Central, Cidade da Beira, Província de Sofala. E-mail: euricopmatias@gmail.com

** Graduado em Ensino do Português com Habilitações em Ensino de Inglês pela Universidade Licungo | Docente no Instituto Médio Politécnico de Moçambique, Cidade de Chimoio, Província de Manica. E-mail: bonetechaha@hotmail.com

alternation occurs in a context where speakers orient their preference for one language at a time and during which it is possible to identify the base language that has been used in the interaction until the moment the switching occurs. Therefore, although speakers use the code-switching phenomenon as a resource that helps them communicate for various reasons, code-switching takes place as a communicative strategy to better adapt to different communication situations, express feelings and emotions, or to mark social differences, in such a way that the higher the degree of bilingualism, the more skills the bilingual individual has in switching languages and, when switching codes, the speaker is able to determine not only their status in the social context but also their communicative intentions.

KEYWORDS

Linguistics; Bilingualism; Code-switching; English-Portuguese; Echuabo-Portuguese.

Kubadilisha msimbo: mkakati wa mawasiliano wa lugha mbili

MUHTASARI

Makala haya yanaangukia katika mkabala wa Kiisimu wa ubadilishaji msimbo, unaolenga kuelewa jinsi na kwa nini ubadilishaji msimbo hutokea miongoni mwa wazungumzaji wa lugha mbili ulimwenguni, hasa katika jiji la Beira. Utafiti huu una sifa ya kuwa wa ubora katika asili, kwa kutumia utafiti wa biblia, uchunguzi, na mbinu ya kufata neno. Data iliyowasilishwa ndani yake ni nakala za mazungumzo yaliyonaswa katika nyakati tofauti na tofauti, mahali, na miktadha ya hali, kama vile: madarasa, mikusanyiko ya familia, miama ya benki, na mazungumzo ya moja kwa moja kwenye mitaa ya Beira. Ubadilishaji msimbo kwa hakika ni jambo la kiisimu ambalo kwa kawaida hutokea katika mwingiliano wa kijamii wa watu ambao wana umilisi, iwe jumla au sehemu, wa lugha mbili, ambazo sababu zake ni za kijamii na kisiasa, kijamii, kiuchumi, kitamaduni, kimtindo, kihisia, upatikanaji wa kumbukumbu, mshikamano na interlocutor, mabadiliko ya mada, upendeleo wa kibinafsi, kati ya wengine. Kwa hivyo, watu wawili wanaweza, wakati wa mazungumzo, kutoa vitamkwa kwa njia tofauti, yaani, kwa kupokezana, na ubadilishanaji huu hutokea katika muktadha ambapo wazungumzaji huelekeza mapendeleo yao ya lugha moja kwa wakati mmoja na wakati ambapo inawezekana kubainisha lugha msingi. ambayo imetumika katika mwingiliano hadi wakati ubadilishaji unatokea. Kwa hivyo, ingawa wazungumzaji hutumia hali ya kubadilisha msimbo kama nyenzo inayowasaidia kuwasiliana kwa sababu mbalimbali, ubadilishaji msimbo hufanyika kama mkakati wa kimawasiliano ili kukabiliana vyema na hali mbalimbali za mawasiliano, kueleza hisia na hisia, au kuashiria tofauti za kijamii, katika hivi kwamba kadiri kiwango cha uwili-lugha kilivyo juu, ndivyo ujuzi wa mtu wa lugha mbili anavyokuwa nao katika kubadili lugha na, wakati wa kubadilisha misimbo, mzungumzaji anaweza kubainisha sio tu hadhi yao katika muktadha wa kijamii bali pia nia zao za kimawasiliano.

MANENO MUHIMU

Isimu; Uwililugha; Kubadilisha msimbo; Kiingereza-Kireno; Echuabo-Kireno.

Introdução

Este artigo visa compreender o processo de alternância de códigos nas interações de falantes bilíngues. O interesse pela temática emerge no fato de, nos países onde coexistem várias línguas, como é o caso de Moçambique, poder-se assistir ao processo de alternância de códigos no ato de comunicação interpessoal, usando-se dois ou mais códigos numa situação de comunicação bilateral. Neste contexto, este estudo procura responder à seguinte pergunta de pesquisa: Que fatores levam os falantes bilíngues na cidade da Beira a alternarem entre diferentes códigos linguísticos durante a comunicação?

Estudos sociolinguísticos, como o de Bouton (1997), apontam que no final do século XIX e na primeira metade do século XX, tendeu-se a considerar a situação de monolinguismo como o mais normal, porque era na aparência estatisticamente predominante. Alguns estudos, como o de Costa & Rothes (2015), apontam que existem cerca de 7000 línguas diferentes faladas no mundo e, calcula-se que cerca de 70% da população mundial seja bilíngue ou multilíngue.

Neste artigo, defende-se a ideia de que a alternância de código é uma estratégia de comunicação influenciada pelos fatores sociopolíticos, sociolinguísticos e económicos e, esta alternância de código (*code-switching*) está ligada ao bilinguismo. Dessa forma, pesquisas aduzem que alternância é um termo utilizado no campo da Linguística, especificamente em bilinguismo, para explicar o uso de duas ou mais variedades linguísticas no ato da fala. O estudo é de carácter qualitativo, que se baseia na observação de discursos/conversações de cidadãos em encontro familiar, em transação bancária, em contexto de sala de aulas e/ou entre amigos, na Cidade da Beira e, teoricamente, baseia-se em estudos de autores como Elia (1987); Bouton (1997); Rodrigues (1997); Kipper (2012); Zambrano (2017), entre outros.

Relativamente à metodologia seguida para este artigo, importa referir que se faz uso da consulta bibliográfica, da observação e do método indutivo. A consulta bibliográfica consistiu na busca de fontes escritas como obras que se debruçam sobre a temática em questão para a sua contextualização e sustento. A observação e o método indutivo consistiram, como dissemos no parágrafo anterior, na auscultação e análise de conversas levadas a cabo por cidadãos falantes das línguas “Echuabo¹-Português” e “Inglês-Português” na Cidade da Beira.

Este artigo constitui-se de 3 (três) partes, a saber: a primeira parte é considerada introdutória, de onde consta o tema, o objetivo a ser alcançado, a justificativa, a tese defendida e a metodologia usada para a sua elaboração. A segunda parte é referente ao desenvolvimento, em que se debruça sobre os conceitos que abarcam o tema bem como se discute o processo de alternância na comunicação pelos falantes observados. A terceira parte é conclusiva, onde são tecidas as considerações finais e, por fim, apresentam-se as respetivas referências.

¹ Echuabo é uma das línguas moçambicanas faladas na região centro do país, precisamente na Cidade de Quelimane, Província da Zambézia.

1. Bilinguismo e falante bilíngue

O termo Bilinguismo tem gerado várias discussões entre pesquisadores, com opiniões, em alguns casos, divergentes e, noutros, convergentes. Bouton (1997, p. 7), numa perspectiva Sociolinguística, define Bilinguismo como “a utilização simultânea de duas línguas num mesmo espaço geográfico, económico ou político devido a coexistência nesse espaço de duas comunidades distintas.” Analisada neste prisma, bilinguismo é o processo linguístico que consiste na alternância de códigos numa situação de comunicação. Ou melhor, considera-se bilinguismo o uso alternado de línguas num contexto e situação de comunicação, em que os interlocutores tenham ou não domínio parcial ou total das línguas em uso.

Segundo Kipper (2012), a partir de pesquisas teóricas de Semino (2007), verifica-se que Bloomfield (1933) caracteriza o bilinguismo como o domínio nativo de duas línguas; Weinreich (1953) entende-o como a prática de duas línguas usadas alternadamente; Haugen (1953), por sua vez, acreditava que o simples fato de um indivíduo utilizar algumas expressões em outra língua, já o caracterizaria como bilíngue (p. 90). Por seu turno, Haugen (1969; MELLO (1999 apud ZAMBRANO, 2017) definem o bilinguismo por uma escala de fluência gradativa, onde o indivíduo vai percorrendo todas as etapas de aprendizagem até atingir um grau máximo. Partindo das posições dos autores acima, pode perceber-se que o bilinguismo é o uso alternado de duas línguas, independentemente do grau da proficiência. O essencial é que se consiga comunicar em duas ou mais línguas, conforme atestam Zimmer *et al.* (2008 apud KIPPER, 2012, p.90):

É praticamente impossível atingir-se uma proficiência total em duas ou mais línguas, considerando-se as quatro habilidades linguísticas (fala, escrita, compreensão auditiva e leitora) e cada um dos seus subcomponentes linguísticos de cada língua (morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, discurso e fonologia).

Portanto, como processo linguístico, ou seja, como ato comunicativo, é evidente que existam os atores, os falantes, que permitem a ocorrência de sentenças linguísticas através do uso da língua e, estes falantes, utilizando-se de vários códigos numa situação de comunicação, são chamados de bilíngues que, na visão de Thiery (1978; MELLO, 1999 apud ZAMBRANO, 2017, p. 23), “é aquele indivíduo que não apresenta sotaque em qualquer uma das línguas, é igualmente fluente em todas as situações linguísticas, em ambas as línguas, não manifesta qualquer interferência quando interage verbalmente com monolíngues.”

Nesse contexto, Grosjean (2008 apud ZAMBRANO, 2017, p. 23) abstém-se da ideia apresentada por Thiery (1978), ao afirmar que “não existem pessoas capazes de falar igualmente bem em duas ou mais línguas em todos os domínios. Assim, pessoas que usam regularmente duas línguas, embora tenham sotaque podem ser consideradas bilíngues.” Por outro lado, Golias (1999, p. 163) considera bilíngue “pessoa a quem se pode reconhecer competência comunicativa – linguística em mais de uma língua, ou pessoa que possui habilidades da L2 em uma das seguintes áreas: ouvir, falar, ler e escrever.”

Nesse contexto, Segundo Zambrano (2017, p. 23), Auer (1984) diz que o fator que torna uma pessoa bilíngue não é a proficiência, mas o uso de duas línguas em atos comunicativos. Desta feita, Appel & Muysken (1987) optam pela definição de Weinreich (1953), que “a prática do uso alternativo de duas línguas é chamada bilinguismo e as pessoas envolvidas, bilíngues.” Para Elia (1987, p. 155), bilíngue é “o indivíduo que pode dominar dois códigos linguísticos alternadamente”. O autor continua dizendo que “esse domínio vai desde o perfeito controlo de mais de uma língua (o ambilíngue de Halliday) ao uso meramente pragmático de um desses códigos para fins transacionais, em hotéis, casas comerciais, aeroportos, etc.” (ELIA, 1987, p. 155). Dessa forma, segundo os autores acima referenciados, chega-se à conclusão de que para se chamar de bilíngue, não é necessário que o indivíduo fale perfeitamente em todos domínios os dois códigos linguísticos, ou seja, conheça as regras gramaticais de cada língua, mas sim que se comunique em outra língua, embora se limite em alguns casos.

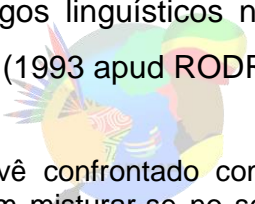
De referenciar que os falantes bilíngues se veem mergulhados no processo de alternância de códigos para dar progressão à interação, quer seja para fins comerciais, quer seja para outros fins não comerciais, onde os códigos são ativados naturalmente, alternando-se um código para o outro, como o pestanejar dos olhos, tal como explica Cáccamo (2000, p. 115), “as variedades linguísticas são conjuntos coerentes de traços e elementos linguísticos que são ativados seletivamente pelo código comunicativo. O mesmo código comunicativo pode ativar uma língua para um interlocutor e outra para outro num mesmo discurso.” Portanto, percebe-se que não é fácil falar fluentemente duas ou mais línguas, sobretudo quando se trata de uma língua segunda, ou melhor, uma língua aprendida. Em alguns casos, pela influência e/ou interferência de outras línguas, neste processo de alternância de códigos pelos falantes, importa frisar que os bilíngues não só alternam seus códigos durante a interação como uma necessidade, mas também

podem mudar ou alternar como forma de mostrar a sua identidade étnico e linguístico-cultural.

2.1 O processo de alternância de códigos pelos falantes observados

Os dados apresentados nesta pesquisa são transcrições de conversas captadas informalmente, isto é, sem o conhecimento prévio dos envolvidos nas conversas, em diversos e diferentes momentos, lugares e contexto-situacionais, tais como: sala de aulas, encontro familiar, transação bancária e conversações espontâneas nas artérias da Cidade da Beira, Província da região centro de Moçambique, sendo que os observados são codificados com letras maiúsculas do alfabeto (A, B, C, D, E, P), de acordo com a situação.

Assim, baseando-se em Rodrigues (1997), a alternância de códigos linguísticos têm sido objeto de variados estudos no âmbito da Sociolinguística e da Sociologia da Linguagem. No entanto, os falantes bilíngues, por necessidades imediatas, voluntárias ou não, tendem a todo o custo, manter a comunicação, de modo que o seu discurso não se interrompa, usando diferentes códigos linguísticos numa só sequência ou num só ato comunicativo. Como salienta Calvet (1993 apud RODRIGUES, 1997, p.898):



Quando um indivíduo se vê confrontado com duas línguas que utiliza alternadamente, elas podem misturar-se no seu discurso e dar origem a enunciados bilíngues. Trata-se da passagem de uma a outra língua num determinado ponto do discurso, fenómeno conhecido por *alternância* de códigos (do inglês *code-switching*).

Para Gumperz (1982 apud RODRIGUES, 1997, p. 898), a alternância de código conversacional pode ser definida como “a justaposição, dentro de um mesmo discurso, de passagens pertencentes a diferentes sistemas ou subsistemas”. Este autor ainda acrescenta que, “na maior parte das vezes, a alternância toma a forma de duas frases em sequência, como é o caso da utilização pelo falante de uma segunda língua para reiterar a sua mensagem ou para dar a réplica ao interlocutor” (GUMPERZ, 1982 apud RODRIGUES, 1997, p. 898).

Por sua vez, Hamers & Blanc (1989) afirmam que a alternância de códigos “é estratégia de comunicação do bilingue”. Segundo eles, “os elementos de uma língua alternam com elementos da outra, cada um pertencendo somente a uma das línguas, deixando tanto a gramática quanto o léxico intatos” (HAMERS & BLANC, 1989 apud

FARIAS, S/d). Por outro lado, Sridhar (1980; MELLO, 1999 apud FARIAS, S/d) define “code-switching” como:

A inserção ou mistura de palavras, frases ou sentenças de dois códigos diferentes no mesmo ato de fala, e “code-mixing” como a inserção ou mistura de diversas unidades linguísticas, isto é, afixos, palavras, frases, e sentenças de dois sistemas gramaticais diferentes na mesma sentença ou ato de fala.

No entanto, a alternância de códigos durante a conversação bilíngue não se realiza de forma casual, a passagem de um código para o outro segue regras estritas e obedece a restrições contextuais rígidas, como afirmam Hamers & Blanc (1989 apud MOZZILLO, 2009, p. 188), “as regras gramaticais de nenhuma das línguas são violadas durante o code-switching.”

Nessa perspectiva, Dabène & Moore (1995 apud MOZZILLO, 2009) dizem que “a alternância pode ser intra-sentencial, inter-sentencial e entre enunciados”. Assim, segundo os autores, o primeiro caso, *Intra-sentencial*, ocorre quando, dentro de uma mesma sentença, o falante realiza a alternância entre os dois sistemas de que dispõe fazendo inserções, tanto sob a forma unitária (apenas um elemento da frase é afetado), quanto sob a forma segmental (segmentos de uma língua se alternam com partes da outra dentro da mesma frase deixando ambas inalteradas) (MOZZILLO, 2009), como se apresenta nos enunciados em (1) ² abaixo:

(1):

A- *Achas que ele poderia conseguir dobrar-me? Eu sou **head**, mano.*

[Achas que ele poderia conseguir dobrar-me? Eu sou **inteligente**, mano. **Tradução nossa**]

B – *Passei meu **weekend** com os meus **brothers** e foi **nice**.*

[Passei meu **fim de semana** com os meus **irmãos** e foi **bom**. **Tradução nossa**]

C - ***Good afternoon everybody!** Saudações vão para todos aqueles que votaram em mim.*

[**Boa tarde a todos!** Saudações vão para todos aqueles que votaram em mim. **Tradução nossa**].

Como se pode observar, nesses exemplos, a língua de base na comunicação é o Português e, durante a conversação, é notório, nos enunciados, a inserção de palavras da língua inglesa dentro do mesmo enunciado, sendo (A e B – unitário e C – segmental). Portanto, o inglês é inserido no interior do mesmo enunciado e traduzindo em português em cada caso, nenhum enunciado pode perder o sentido, conforme a afirmação de

² Estes enunciados foram captados espontaneamente numa conversa de cidadãos nas artérias da Cidade da Beira.

Mozzillo (2009), a qual diz que “as regras gramaticais de nenhuma das línguas são violadas durante a alternância de códigos.”

Os falantes estando livre de se expressar de acordo com o seu grupo, tem-se essas sentenças que, de certa forma, se percebe que os falantes têm o domínio dos dois códigos, ainda assim alternam apenas por criatividade linguística, como afirma Mozzillo (2009), “ao pressupor a liberdade dos falantes individuais, apresenta-se como um dispositivo empregado de forma criativa pelos bilíngues” (p. 186).

Em relação à *Intersentencial*, refere-se que acontece no momento em que as línguas se alternam de uma sentença a outra. Tal alternância não ocorre dentro do mesmo turno da conversação, mas em turnos próximos e dentro do mesmo tópico de conversação, o que significa que uma sentença é produzida em uma língua e a seguinte, correspondente ao próximo turno do mesmo falante, na outra, como nos enunciados em (2) ³ abaixo:

(2):

Professor (P): -*The girl (singular), the girls (plural), we have the same word.*

[A menina (singular), as meninas (plural), nós temos a mesma palavra. **Tradução nossa**]

(P): -*Quem estuda Inglês, depois vir estudar português, fica confuso.*

(P): -*What do you know about indefinite article in Portuguese?*

[O que vocês sabem acerca dos artigos indefinidos em Português? **Tradução nossa**]

Estudante (E): -*Artigos não definidos.*

(P): -*Aquilo que não é vogal como se chama em português?*

(E): -*Consoante.*

(P): -*In English we say consonants.*

[Em inglês nós dissemos consoantes. **Tradução nossa**]

Nas sentenças acima, verifica-se uma alternância de códigos numa interação entre professor e estudantes. Esta alternância de código pelo professor e estudantes visava, como entendemos, facilitar, permitir e conduzir melhor compreensão da matéria pelos estudantes, conforme afirma Cook (1989 apud LIMA, 2007):

A alternância de código pode ser utilizada como um instrumento para o ensino de uma língua estrangeira: os alunos são aconselhados a alternar o código linguístico em uma situação pré-determinada em que o papel do

³ Estes enunciados foram captados numa aula de Língua inglesa, em que se abordava sobre *Articles*, numa das Universidades situadas na Cidade da Beira.

professor e o do aluno é alternado. Assim fazendo, a aula torna-se mais interessante e a abordagem mais comunicativa (p. 236).

Portanto, este posicionamento leva a concluir que a alternância de código, no contexto de ensino e aprendizagem bilíngue, é um fenómeno recorrente, sendo, entretanto, necessário para a compreensão da matéria pelos alunos. No que tange à *Entre enunciados*, refere-se que implica alternar para a outra língua após um período bastante longo de uso da primeira. Ocorre no curso de um mesmo diálogo, quando a primeira frase pronunciada na língua de base da interação encontra-se relativamente distante da primeira frase pronunciada no outro sistema, como se pode observar em (3)⁴ a seguir:

(3):

(A): -Va **família** va mbaliw Raul, na mukhamiedhi. Jura, na anamudhi etene iya wi ezamanii kimbedwa nafuna-nga wira ntamalele wira, wiwanano nikhalena iyo natene.

Na **família** do nosso irmão Raul, junto a sua companheira (esposa). Jura, perante toda família que não se deve esquecer a tradição dos nossos antepassados, assim queremos agradecer que esta união que esteja em todos nós. [Tradução nossa]

(B): -O nosso Senhor Jesus Cristo.

(C): -Eh, na verdade, é necessário que a gente reconheça aquilo que de fato nós conseguimos ver do bom.

(D): -Eh, Deus veio para toda a humanidade. [...]

(E): -Por isso com a permissão do animador da comunidade, com a permissão do celebrante, ministro da liturgia, com a permissão do chefe do núcleo, então de eu ter falado um pouco em dialeto o meu muito obrigado.

Nesta situação de comunicação, a língua de base é o português, no entanto, observa-se que o falante, primeiro, discursa em Echuabo e, em seguida, em português. De facto, nota-se que este fenómeno de alternância de código, no caso em alusão, acontece não por falta de domínio da língua portuguesa, mas como forma de mostrar solidariedade com o seu grupo étnico, conforme afirma Fallis (1976 apud LIMA, 2007), “outros motivos aparentes são quando o falante deseja demonstrar solidariedade para com o seu grupo” (p. 237).

⁴ Estes enunciados foram captados numa conversa ocorrida num encontro familiar de falantes das línguas Echuabo e Português, na Cidade da Beira.

Ainda, na classificação de alternância, Lima (2007) identifica dois tipos de “code-switching”, o metafórico e o situacional. Segundo ele, a alternância metafórica, envolve mudança de tópico, e a situacional, muda em nível de estratégia e de participante. Sob ponto de vista do autor acima, observa-se que a metafórica é, de certa forma, aquela que se verifica de forma recorrente, em conversas, cujo objetivo é excluir um dos participantes da conversa, de modo que ele não entenda o que se quer dizer numa outra língua diferente do seu domínio e, a situacional é aquela que ocorre muitas vezes na sala de aula, como no exemplo (2); em cerimónias ou encontros familiares, exemplos em (3) anterior e, em instituições de atendimento público, exemplo (4)⁵ seguinte:

(4):

Banco (A): - *Did you receive the money?*

[Você recebeu o dinheiro? **Tradução nossa**]

Cliente (B): - *No, didn't come in any deposit.*

[Não, não recebi nenhum depósito? **Tradução nossa**]

(A): - **Só um minuto.** *Mr. Richard, you have to stay here.*

[**Só um minuto.** *Sr. Richard, você deve ficar aqui.* **Tradução nossa**]

(B): - *So, I have to come...one minute... mandar outra pessoa.*

[**Então, Eu tenho de vir...um minuto... mandar outra pessoa.** **Tradução nossa**].

(A): - *Temos problema de sistema. Essa demora toda é do Banco.*

(B): - *Posso voltar noutra hora?*

(A): - *Não, se tiver paciência, pode esperar.*

Olhando para o diálogo acima, verifica-se que o falante (A), sentindo-se incapaz de prosseguir com o diálogo em língua inglesa, viu-se obrigado a alternar para o português. O falante (B) também passou a expressar-se em língua portuguesa. No entanto, ambos os interlocutores, quando tivessem dificuldades ou limitação na língua que não era do seu domínio, alternavam para outra língua, mostrando, de certa forma, uma mudança ou alternância de código situacional. Quanto a esta situação, Mozzillo (2009) diz que “embora os bilíngues que alternam de língua possam ser altamente proficientes em ambos os sistemas, não é necessário o equilíbrio perfeito. Também é possível alternar no

⁵ Estes dados foram captados numa conversa de transação bancária entre um cliente e uma agente de um dos Bancos comerciais na Cidade da Beira.

sentido que está sendo descrito quando se tem um conhecimento limitado de uma das línguas.”

Em virtude dos fenômenos acima descritos, verifica-se que o processo da alternância de código é notório quando há inserção de uma palavra de uma outra língua num discurso e, os dados mostram que os indivíduos alternam voluntária ou involuntariamente os códigos, mas com maior indicador segundo a observação, alternam voluntariamente para, por um lado, enfatizar o sentido daquilo que pretendem transmitir, por outro, para mostrar a sua proficiência linguística, ou seja, mostrar o seu repertório linguístico, como falantes das duas línguas de comunicação. Os falantes observados usam a alternância como recurso na sua comunicação, dependendo do contexto situacional, por diversas razões. Estas razões, de acordo com estudos feitos, como o de Crystal (1987 apud LIMA, 2007), podem ser apontadas:

A possibilidade de o falante ser incapaz de se expressar numa determinada língua e, em consequência, mudar para a outra tentando compensar essa deficiência. Isso pode acontecer, [...], quando o falante se sente aborrecido, enraivecido, cansado, distraído ou com preguiça de buscar a palavra na língua base, por qualquer razão. Alguns bilíngues reportam que determinado conceito pode ser expresso melhor em uma língua que em outra (p. 237).

Ademais, Lima (2007, p. 236) explica que “a alternância de códigos pode ocorrer em nível da palavra, da frase e da oração”. Nota-se, nos diálogos observados, mais incidência de inserção de palavra, estando em consonância com a classificação de Cook (1991 apud LIMA, 2007) na qual estima que:

A alternância de código numa conversação normal ocorre numa média de 84% em nível da palavra, 10% em nível da frase e apenas 6% em nível da oração. [...]. A alternância de código mais frequente é a intra-sentencial unitária, que consiste na inserção de uma única palavra da outra língua no discurso (pp. 236-237).

Um aspeto não menos importante pode observar-se em (5), no seguinte discurso:

(5):

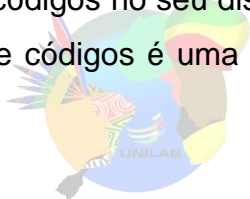
Tânia! Estamos no mesmo grupo. **Mi hí**, aqui não lhe estou a ver. Agora, assim? **Hejiwene iya ni** fim-de-semana. Na segunda-feira vai lá? Disse vou lá, se estamos na mesma sala! **Mi guira tabo ogadhoa** então **omwadhele gue**, esta semana toda **asunze dhinsunzagani** fim-de-

semana **munosunza**? **Wira** não, não estudamos. **Mi guira**, ela vir aqui, na verdade naquele fim-de-semana **mima orie ofiya** ⁶.

Tânia! Estamos no mesmo grupo. **Eu hei**, aqui não lhe estou a ver. Agora, assim? **Nesse momento era** fim-de-semana. Na segunda-feira, vai lá? **Disse vou lá**, se estamos na mesma sala! **Eu disse está bem, se você for**, então **informe sempre que** essa semana toda, **estude o que tem estudado**, fim-de-semana **estudam**? **Disse** não, não estudamos. **Eu disse**, ela vir aqui, na verdade naquela fim-de-semana **a menina disse que chegou**. [Tradução nossa]

Neste discurso, o falante observado usa a língua de base Echuabo, mas verifica-se mais o português durante o diálogo, pois o falante conta um episódio em que este conversava usando a língua portuguesa. Portanto, trata-se de discurso indireto, através do qual o falante conta para os outros interlocutores o episódio na língua Echuabo, alternando os códigos na conversa que travara com outrem.

Como se pode observar, o falante usa o discurso direto e indireto para reiterar as falas de outra pessoa, conforme afirma Dutra (1978, p. 28), “uma mudança de código ocorre mais comumente para sinalizar citações em discursos direto e indireto.” Portanto, verifica-se que o falante alterna os códigos no seu discurso para citar alguém, mostrando, mais uma vez, que a alternância de códigos é uma estratégia comunicativa para muitos falantes bilíngues no mundo.



2.2 Fatores que influenciam a alternância de códigos

Como se pode notar, as conversas acima transcritas envolvendo indivíduos bilíngues são diversificadas na utilização dos códigos. Alguns fatores contribuem para a escolha de uma língua em detrimento da outra, no momento da comunicação. Fishman (1965; GROSJEAN, 1982 apud MOZZILLO, 2009) menciona os seguintes fatores:

- i. A *proficiência linguística*, tanto do falante como de seu interlocutor, já que as limitações linguísticas podem vir a impedir, de alguma maneira, a efetiva comunicação;
- ii. A *preferência* por uma ou outra língua, assim como a *história da interação* linguística entre os dois participantes, sendo que, geralmente, há um acordo sobre qual será a língua principal de comunicação e violações a essa regra produzem sentimentos de desconforto;
- iii. A *idade* tanto do locutor quanto do interlocutor, elemento que desempenha importante papel no momento de decidir qual língua empregar em determinada situação;

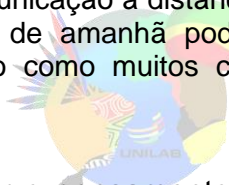
⁶ Este discurso foi captado numa conversa ocorrida num encontro familiar de falantes das línguas Echuabo e Português, na Cidade da Beira.

- iv. O *status socioeconómico* - real ou aparente - do interlocutor, especialmente nos casos em que os idiomas passíveis de serem escolhidos estejam relacionados hierarquicamente;
- v. O *grau de intimidade* existente entre os participantes da conversação, pois com pessoas próximas poderá ser usada uma língua e com estranhos ou meros conhecidos, outra;
- vi. A *pressão externa* exerce grande poder. Havendo necessidade de transmitir uma dada língua às crianças, por exemplo, os pais podem se sentir forçados a lhes falar apenas nessa língua;
- vii. Do mesmo modo, conforme a *atitude* em relação a uma língua e ao grupo que a utiliza, o falante quererá empregá-la ou não;
- viii. Uma variável importante no que se refere a prever qual a língua a ser empregada com um interlocutor também bilíngue é a *localização da interação*, o ambiente. As mesmas pessoas podem passar a falar a outra língua no momento em que saem do campo e chegam à cidade, durante a mesma viagem, por exemplo;
- ix. A *formalidade da situação* contribui também para a determinação do idioma empregado. Se, no momento da interação, o interlocutor está desempenhando alguma função considerada importante, a língua escolhida será, provavelmente, a que detém maior prestígio social;
- x. A *presença de um monolíngue* é determinante a partir do desejo ou da necessidade de incluir na conversa a pessoa que não compreende um dos idiomas dos bilíngues.
- xi. O *conteúdo do discurso* é relevante, pois existem assuntos que são mais bem tratados em uma língua do que na outra, tanto porque o sujeito aprendeu a falar sobre os mesmos em uma língua definida, como porque não seria considerado apropriado tratá-los na outra.

Olhando para as conversas dos falantes acima apresentadas e correlacionando com os fatores mencionados por Fishman (1965), pode notar-se que, por exemplo, o fator (i) se relaciona com o caso do exemplo (4) acima transcrito, em que se observou uma conversa entre um agente bancário e um cliente, na qual o agente bancário, notando haver dificuldade de comunicação por meio da língua portuguesa por parte do cliente, alterna a língua para o inglês (língua de domínio do cliente), mostrando, de certa forma, solidariedade para com o cliente, mas durante a comunicação, ela fica limitada, pois não tinha domínio total da língua.

De salientar que este processo de alternância de códigos, aliado aos fatores acima mencionados, é complexo e merece uma análise exaustiva, não podendo este estudo apresentá-la cabalmente. Assim, a alternância de códigos, por um lado, considera-se uma estratégia ou recurso produtivo para a Linguística, à medida que possibilita compreender o paradigma de comunicação bilíngue, onde há interação de dois ou três indivíduos de línguas diferentes, mas encontram um código com o qual todos possam comunicar. Por outro, é menos produtivo em situações cuja intenção dos interlocutores é excluir da conversa ou da ideia um dos intervenientes. Nesse contexto, não se pode descartar a possibilidade de que, como profetizou Lopes (2004, p. 238), “dentro de poucas gerações, o bilinguismo e multilinguismo serão provavelmente práticas generalizadas em todo o mundo”. Portanto, segundo o autor:

Haverá meios eletrônicos sofisticados de tradução do futuro em que permitirão as pessoas do terceiro milênio a possibilidade de compreenderem instantaneamente o que está a ser dito em qualquer língua. No entanto não serão precisos intérpretes humanos, pois haverá um minúsculo intérprete implantado nos dentes de uma pessoa que tornará possível a intercomunicação à distância ou face a face. A condição do ser humano unilíngue de amanhã poderá vir a ser idêntica à do analfabeto de hoje. Penso como muitos cidadãos do mundo (LOPES, 2004, p. 238).



De fato, sem querer discorrer o pensamento do autor, a humanidade encontra-se numa era de tecnologia avançada e, a ciência da linguagem, atrelada a tecnologia, segue o mesmo rumo, fazendo da visão do autor um fenómeno possível de acontecer.

Considerações finais

A alternância de códigos é um fenómeno ligado ao bilinguismo, sendo considerada o uso alternado de duas ou mais línguas na mesma interação verbal. Dessa forma, esta pesquisa centrou-se em compreender os fatores que levam os falantes bilíngues na cidade da Beira a alternarem entre diferentes códigos linguísticos durante a comunicação e, após a realização da pesquisa, concluiu-se que existem vários fatores pelos quais os falantes bilíngues alternam os códigos linguísticos, destacando-se o contexto social, a identidade cultural, a atitude em relação às línguas, a fluência e proficiência em cada língua.

Por outro lado, verificou-se que a alternância de códigos pelos falantes se dá como uma estratégia comunicativa para melhor se adaptar às diferentes situações de comunicação, expressar sentimentos e emoções, ou para marcar diferenças sociais, tanto

Eurico P. Matias, Bonete J. João Chaha Alternância de códigos: uma estratégia de comunicação..

que quanto maior for o grau de bilinguismo, mais habilidades tem o bilíngue em alternar as línguas e, ao alternar códigos, o falante é capaz de determinar não apenas seu *status* no contexto social, mas também suas intenções comunicativas.

Portanto, mais do que estas razões, pela diversidade linguística que Moçambique carrega, foi possível concluir que a presença de códigos mistos na comunicação dos falantes bilíngues na cidade da Beira reflete a complexidade e dinâmica das interações linguísticas e culturais nas comunidades bilingues e, em consequência, esta alternância traduz-se em um enriquecimento e valorização das línguas e culturas presentes na região, contribuindo para a construção de identidades linguísticas híbridas.

Referências

Bouton, C. P. (1997). **O desenvolvimento da Linguagem**. S/l: Moraes editores.

Cáccamo, C. A. (2000). Para um modelo do “code-switching” e a alternância de variedades como fenómenos distintos: dados do discurso galego-português/espanhol na Galiza. **Estudios de Sociolinguística**, v.1 n.1, p. 111-128. Disponível em:

<https://www.udc.es/dep/lx/cac/artigos/2000eds.pdf>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

Costa, M. & Rothes, E. A. (2015). **A nossa Gramática de Língua Portuguesa - ensino Secundário**. Porto: Plural editores.

Dutra, R. (1978). **Mudança de código**: por uma abordagem linguística. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ctl/article/view/9752/8546>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

Elia, S. (1987). **Sociolinguística**: uma introdução. Universidade Federal Fulminense: Padrão editora Ltda /EDUFF/ PROED.

Farias, L. S. (S/d). **Uma visão pragmática para a recorrência à língua materna na aula de inglês como língua estrangeira**. S/l. Disponível em:

http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SENALE_IV/IV_SENALE/Leticia_Standerr_Farias.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

Golias, M. (1999). **Educação Básica**. Temáticas e conceitos. Maputo: Editora escolar.

Kipper, E. (2012). Aquisição de segunda língua em contextos de bilinguismo societal.

Letrônica, Porto Alegre, vol. 5, nº 3, p. 88-102, julho/dezembro. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/12162/8834>.

Acesso em: 15 dez. 2022.

Eurico P. Matias, Bonete J. João Chaha Alternância de códigos: uma estratégia de comunicação..

Lima, D. C. de. (2007). Alternância de código linguístico no cotidiano de um lar common place code-switching in the home. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, vol.46, nº2, p.233-245, jul./dez. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v46n2/a07v46n2.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2022.

Lopes, A. J. (2004). **A Batalha das línguas**. Perspectiva sobre língua aplicada em Moçambique, edit IUEM/fundação Universitária imprensa universitária Maputo.

Mozzillo, I. (2009). **O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue**.

Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: EDUCAT. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/352261371_O_code-switching_fenomeno_inerente_ao_falante_bilingue/link/60c117344585157774c22979/download. Acesso em 15 de dezembro de 2022.

Rodrigues, M. H. (1997). *Línguas em contacto em Macau*. **Administração**, n. ° 37, vol. X, 1997-3.°,893-904, maio. Disponível em:

www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004124. Acesso em 15 de dezembro de 2022.

Zambrano, C. E. G. (2017). Escolarização em contexto bilíngue na fronteira

Brasil/Venezuela. **Linguagem em Foco**. v. 9, n. 2, p. 21-29. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1574/1338>. Acesso em 15 de dezembro de 2022.



Recebido em: 12/07/2024

Aceito em: 09/09/2024

Para citar este texto (ABNT): MATIAS, Eurico Patinho; CHAHA, Bonete Júlio João. Alternância de códigos: uma estratégia de comunicação bilíngue. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.37-52, out.2024.

Para citar este texto (APA): Matias, Eurico Patinho; Chaha, Bonete Júlio João (out.2024). Alternância de códigos: uma estratégia de comunicação bilíngue. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA),4 (Especial II): 37-52.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njinggaesape>